

**LIDANDO COM A AFETAÇÃO:
ENTRE O MÉTODO ETNOGRÁFICO, AS
NARRATIVAS DE TRAJETÓRIAS MASCULINAS
E O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO***

*ELIZABETH GÓMEZ ETAYO***

Recibido: 15 de agosto de 2010
Aprobado: 25 de septiembre de 2010

Artículo de Reflexión

* Este artículo es el capítulo metodológico de su tesis de Doctorado en Ciencias Sociales, realizado en la Universidad Estadual de Campinas, Brasil. 2010.

** Socióloga. Magíster en Sociología. Docente del Departamento de Antropología y Sociología de la Universidad de Caldas, Manizales. elizabethgomez@ucaldas.edu.co

Resumo

Este artigo é uma proposta de abordagem metodológica para o estudo das masculinidades a partir de três técnicas de pesquisa sócio-antropológica: a etnografia, as narrativas e o método autobiográfico. A partir daí apresenta-se como o pesquisador lida com a afetação quando se tocam fibras sensíveis da intimidade durante uma pesquisa, como foi neste caso. Trata-se de apresentar as origens de uma pesquisa sobre violência de gênero a partir de uma experiência pessoal, mas, que não por isso deixa de ter os cânones e o rigor da pesquisa científica social.

Palavras chave: etnografia, narrativas, método autobiográfico, masculinidades, estudos de gênero.

LIDIANDO CON LA AFECTACIÓN: ENTRE EL MÉTODO ETNOGRÁFICO, LAS NARRATIVAS DE TRAYECTORIAS MASCULINAS Y EL MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO

Resumen

Este artículo es una propuesta de abordaje metodológico para el estudio de las masculinidades a partir de tres técnicas de investigación socio-antropológica: la etnografía, las narrativas y el método autobiográfico. A partir de ahí, se presenta cómo el investigador lidia con la afectación cuando se tocan fibras sensibles de la intimidad durante una investigación, como fue en este caso. Se trata de presentar los orígenes de una investigación sobre violencia de género, a partir de una experiencia personal, pero que no por eso, deja de tener los cánones y el rigor de la investigación científica social.

Palabras clave: etnografía, narrativas, método autobiográfico, masculinidades, estudios de género.

DEALING WITH AFFECTATION: AMONG THE ETHNOGRAPHIC METHOD, THE MASCULINE PATH NARRATIVES, AND THE AUTOBIOGRAPHICAL METHOD

Abstract

This paper is a methodological approach proposal for the study of masculinity from three social-anthropological research techniques: ethnography, narrative and autobiographical method. From there, it is presented how the researcher deals with affectation when the sensible fibers of intimacy are involved in a research project as it happened in this case. The origins of a research project on gender-based violence from a personal experience are presented. However the research project maintains all the canons and rigor requested for a social scientific investigation.

Key words: ethnography, narrative, autobiographical method, masculinity, gender studies.

1. Introdução

Apresento neste artigo uma abordagem metodológica para o estudo das masculinidades e da violência de gênero a partir das interfaces dos três caminhos sugeridos no título: etnografia, narrativas e método autobiográfico. Descrevo aqui como cheguei a este tema, como me relacionei com os sujeitos da pesquisa, como foi o processo de observação, de quais coisas tive que prescindir e como lidei com a *afetação*. Minha perspectiva teórica baseia-se no conceito de *anormalidade* H. Arendt.

Quando Hannah Arendt acompanhou o julgamento de *Eichmann em Jerusalém* se deu conta que ele não era a encarnação do mal, nem o monstro que todos esperavam encontrar –inclusive ela–, e sim um homem *normal*, ou seja, *comum*, que executa seu ofício obedecendo a regras estabelecidas, próprias do seu tempo e do seu contexto político¹ (Arendt, 1999). Embora Arendt não

¹ Como sabemos, Eichmann foi tenente-coronel da SS durante Alemanha Nazi. Ele foi o grande responsável pela logística de extermínio de milhões de judeus durante o Holocausto, que foi chamada de “solução final”, organizando a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido como o executor-chefe de Terceiro Reich. Ele foi preso no fim de 1960 no subúrbio de Buenos Aires por uma equipe de agentes secretos israelitas e foi julgado em 1961 por um tribunal especializado em Israel. Hannah Arendt fez a cobertura da notícia do julgamento de Eichmann, como repórter enviada pela revista *The New Yorker*; quem esperava dela que fizesse uma ampla descrição desse maligno ser, porém, o que a filósofa nos ofereceu, a partir dessa experiência, foi sua teoria sobre a “banalização do mal”, baseada na caracterização do que ela chamou de “normalidade”, conceito que usei nesta pesquisa.

seja uma teórica nem das masculinidades nem da violência de gênero, achei instigante sua proposta da *normalidade* porque nos oferece a possibilidade de pensar nesses outros que julgamos de agressores como homens, eles também, *normais*, e com os quais compartilhamos nossa sociabilidade. E Todavia, o pior é que há em todos e cada um de nós, esses rastros de *normalidade* pois todos e cada um de nós, cá e lá, submetemo-nos aos padrões instituídos sem ressignificá-los.

Inspirada nesta teórica, minha hipótese é que os homens que agridem as suas parceiras sentimentais estão normatizados por um padrão de educação que, inclusive hoje, é *exigido socialmente* (Lorente-Acosta, 2008)², embora cada vez sejam menos os homens que se encaixam nesse arquétipo, pois, segundo várias pesquisas sobre masculinidades³, os homens heterossexuais na contemporaneidade estariam em uma fase de transição entre um velho padrão de homem para uma nova configuração de masculinidade. Existe, é claro, a capacidade de agir e, portanto, a responsabilidade das ações individuais não pode se justificar somente pelos padrões estabelecidos –refiro-me aos padrões inconscientes–. Assim, o objetivo desta pesquisa foi desvendar nas narrativas de homens envolvidos em situações de violência de gênero, diferentes ângulos e contornos que dão conta das fissuras, das arranhaduras, dos ínfimos deslocamentos desse padrão (Silva, 2003). Este artigo somente faz referência à abordagem metodológica que usei para pesquisar o problema acima assinalado.

Vários autores, como o antropólogo brasileiro Marcio Goldman, têm abordado o assunto de viver uma *experiência* junto com os sujeitos de pesquisa integrando tal experiência ao processo propriamente dito da pesquisa para lhe dar um lugar aí não só como fatos alheios ou paralelos, mas como constitutivos do processo de pesquisar, tema que é abordado neste texto. Ao respeito, este autor considera que:

“O cerne da questão é a disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico. Nesse sentido, a característica fundamental da antropologia seria o estudo de experiências humanas a partir

² Miguel Lorente-Acosta é um psiquiatra espanhol reconhecido pela sua engajada participação no combate da violência de gênero na Espanha. O autor propôs em uma palestra apresentada no X Congresso Internacional: “Mundos de Mulheres” realizado em Madrid em 2008 que “a violência de gênero continua fazendo parte da nossa realidade porque as referências culturais se apresentam como parte de uma normalidade perante de fatores precipitantes que agem para que um homem se comporte de forma violenta contra uma mulher” (Lorente-Acosta, 2008: 162).

³ Cito algumas dessas pesquisas: *Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução* (Ferreira Albino de Oliveira, 1999), e *Sucede que me canso de ser hombre... Relatos y Reflexiones sobre hombres y masculinidades en México* (Amuschástegui & Szasz, 2007).

de uma experiência pessoal. E é por isso, penso, que alteridade seja a noção ou a questão central da disciplina, o princípio que orienta e inflete, mas também limita a nossa prática” (Goldman, 2006: 167).

Eu comecei com um roteiro que foi se transformando conforme iam aparecendo novas perguntas. O projeto inicial de pesquisa chamava-se: “Masculinidade, poder e violência. Um estudo comparado com homens negros e mestiços de Cali e Salvador de Bahia”, pois minha experiência de campo foi em uma região de população negra na Colômbia: “Bocas de Satinga”. Porém, foi ao longo desta pesquisa que reconheci a importância e a pertinência de pesquisar sobre aquilo que me “afetou”, e tender pontes entre essa afetação e o exercício acadêmico. Sendo a *afetação* um dos aspectos da pesquisa etnográfica que vem sendo considerado e discutido amplamente na antropologia e diferenciando-o do fato de ter uma *experiência*, quis aprofundar nessa questão como já o faz Favret-Saada. Vejamos:

“As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde” (Favret-Saada, 2005 [1990]: 160).

Minha *afetação* não foi só durante a pesquisa, como no caso da feitiçaria de Favret-Saada, senão muito antes que ela acontecesse, porém manteve-se guardada em um estranho canto da memória pronta para sair assim que fosse liberada. Antes de começar o doutorado no Brasil, tive na Colômbia experiências de campo que me afetaram, porém, ficaram escondidas e quase cindidas de mim. Eu não tinha estrutura para compreendê-las e dar-lhes um lugar na minha vida acadêmica. O caminho que empreendi e que partilho aqui é, então, o momento da compreensão. Porque considero que uma experiência anterior à pesquisa, propriamente dita, pode-se integrar ao exercício acadêmico da pesquisa como propõe Favret-Saada.

“Ora, minha experiência de campo [...] levou-me a explorar mil aspectos de uma opacidade essencial do sujeito frente a si mesmo. Essa noção é, aliás, velha como a tragédia, e a ela sustenta também, desde há um século, toda a literatura terapêutica. Pouco importa o nome dado a essa opacidade (“inconsciente”, etc.): o principal, em particular para uma antropologia das terapias, é poder daqui para frente postulá-la e colocá-la no centro de nossas análises” (*Ibid.*: 161).

Esta pesquisa é um esforço interpretativo sobre mais um caso de *experiência* e de *afetação*, de alteridade e de convívio interno com um nativo que mora na psique e que se transforma em diálogo com os outros nativos externos à pesquisa e que se transforma também no processo da compreensão. Eu fui afetada em uma experiência de vida que depois se tornou pergunta e inquietação e se articulou na atual pesquisa, momentos que tento tecer e apresentar neste texto.

2. Observação etnográfica na Delegacia da Mulher de Santo Amaro (Recife/Brasil)

Observação participante? “[...] *curiosa expressão. Em retórica, isso se chama oximoro: observar participando, ou participar observando, é quase tão evidente como tomar um sorvete fervente*”
(Favret-Saada, 2005 [1990]: 156).

Dentro das ciências sociais um dos aspectos metodológicos mais discutidos é a subjetividade da observação participante. Cientes dessa questão, sabemos que a observação é subjetiva sim, tanto quanto a pesquisa em si mesma, mas, lembrando Souza Santos, tentamos manter sempre uma *proximidade crítica* para ter maior discernimento ao decidir o que observar e a partir de qual ângulo. Também é colocado por outros autores que no método por excelência da antropologia se segue, de alguma maneira, o método usado no *divã* pela psicanálise, isto é, permitir as *observações livres* do pesquisador assim como as *falas livres* dos informantes, tal como se faz com as *associações livres* na psicanálise. Cabe ao pesquisador fazer uma excelente revisão e seleção da informação registrada em campo e uma interpretação que tente ser fiel à realidade, sabendo que não existem “fatos, mas interpretações” como já advertia Nietzsche. Sobre a observação participante, Goldman diz o seguinte:

“A observação participante, que os antropólogos proclamam ser seu método por excelência, não consiste apenas em, de vez em quando, deixar de lado a máquina fotográfica, o lápis e o caderno para participar do que está acontecendo, “tomar parte no jogo dos nativos” ou dançar com eles, como disse, creio que meio ironicamente, Malinowski (1978 [1922]: 31), o inventor do método. Na verdade, o que ele operou na antropologia foi um movimento em tudo semelhante ao de Freud na psiquiatria:

em lugar de interrogar histerias ou nativos, deixá-los falar à vontade. A observação participante significa, pois, muito mais a possibilidade de captar as ações e os discursos em ato do que uma improvável metamorfose em nativo. E consiste, também, no meio privilegiado para elaboração de teorias etnográficas, expressão, aliás, à primeira vista, um pouco estranha, mas que serve para solucionar o dilema do antropólogo, preso entre as ciências e a narrativa, o discurso sobre os outros e o diálogo com eles” (Goldman, 2006: 170).

Atenta as colocações acima assinaladas, fiz uma *observação etnográfica* na *Delegacia da Mulher de Santo Amaro*, Recife, que é a primeira Delegacia Especializada da Mulher, e tive uma aproximação com homens em situações de violência de gênero, o que passo a descrever brevemente. O objetivo desta observação era conhecer a dinâmica deste espaço no qual se inicia o processo de punição dos homens denunciados por violência contra a mulher. A Delegacia fica em um casarão antigo no bairro de Santo Amaro, zona central de Recife. Cheguei aí no dia 20 de outubro de 2008, acompanhada por uma colega do GEMA. A delegada nos explicou o processo de atendimento e nos apresentou o comissário. Ele nos disse que 90% dos casos de agressão contra mulher que chega a esta delegacia está associados ao consumo de drogas e álcool. E que as mulheres que fazem o Boletim de Ocorrência, quase sempre contra o marido, parecem que, no fundo, estivessem buscando ajuda para a reabilitação do agressor –e não tanto denunciá-lo– e recorrem à delegacia como se esta fosse a Instituição de referência para tal ajuda.

Fiz observação do local, conversei com alguns funcionários, com mulheres que denunciaram homens agressores, com outras que são só acompanhantes e, com alguns homens julgados ou que começam um processo jurídico por terem agredido suas parceiras. Um aspecto interessante que apareceu recorrentemente entre os homens entrevistados é que eles acreditam cair permanentemente em um tipo de “armadilha” que os leva a um beco sem saída. Quase todos os casos que chegaram à delegacia estavam associados ao consumo de álcool, o que faz pensar aos funcionários que a violência de maridos contra mulheres é assunto só de *alcoólatras*. O consumo de álcool e drogas é socialmente visto como responsabilidade somente de quem consome, mas acredito que é válido indagar se a questão está para além da vontade do consumidor.

O processo de atendimento começa pela recepção dos denunciantes por parte de um funcionário no local chamado de *permanência*; depois a mulher agredida vai à sala do *recebimento de queixas* onde é atendida por uma

funcionária, quem recebe o caso perguntando todos os detalhes. Feito isto, os processos são registrados na sala chamada *setorial* e finalmente os acusados são chamados para interrogação na sala de *intimação*; nesta sala permanecem o delegado de plantão e o comissário. Todos eles são policiais. O ambiente na delegacia é de muita confusão. Chegam várias mulheres com crianças de colo; as crianças choram. Há uma televisão ligada em alto volume, apresentando notícias regionais, mas ninguém olha, mesmo assim a TV continua ligada. Permanentemente há pessoas entrando e saindo. A delegacia não tem condições confortáveis para receber as mulheres que vão prestar queixa. Há mulheres com o olho roxo - figura tipificada-, outras chorando, outras falando, outras brigando para ser atendidas, há homens ainda com hálito de álcool, homens simples, negros, mulatos, desempregados ou do setor informal, impacientes para sair logo e continuar a vida.

Na *permanência* há dois bancos de cimento embutidos na parede. No estreito corredor há três cadeiras de plástico, bastante desconfortáveis. As paredes estão sujas e tem colados cartazes de prevenção de violência contra mulher; o ambiente é lúgubre e entediante. O calor recifense recrudesce o bafo da sala. Ao tentar conversar com alguns homens, houve os que recusaram, e com outros não fiquei à vontade para abordá-los, por considerar que não era o espaço para falar e sim observar, só observar. Conheci muitas das histórias registradas por estar perto das pessoas quando falavam alto nos corredores. Envolvi-me em algumas conversas e perguntaram minha opinião; ao perceberem o meu sotaque espanhol me indagaram sobre o que eu fazia naquele espaço. Ao contar que era da Colômbia e que pesquisava violência, assim, no geral, fui fustigada: *ah! Mas violência na Colômbia! Ué?* Eu mal começava a explicar o que pesquisava e as pessoas já precisavam ir embora ou passar a alguma sala para serem atendidas.

Vejo muitas situações. Um homem pescador de profissão, que bateu na mulher estando bêbado e depois da agressão foi denunciado pela mulher, parece visivelmente afetado por ter sido tão “burro” ao cair na “armadilha”, por ter atuado sob efeito do álcool e por não ter medido a força das suas ações. Segundo ele, a mulher sempre o provoca quando ele fica bêbado, e ele tinha sido advertido pela sua família em relação a isso, porque ele bêbado “é bruto”, disse. Outro homem brigou com sua mulher na frente dos funcionários e por isto o deixaram na cela. Eu conversei com ele aí, na cela; era uma situação bizarra, senti pena da sua situação, ele me rogava para que eu o ajudasse, não para sair daí, da cadeia, mas para sair do consumo de drogas, ele pede para ser internado, mas ninguém o ouve. Pela décima vez o casal esta aqui na delegacia e o homem implora para ser atendido pelo consumo de drogas, mas não há ouvidos para suas súplicas, ele é consciente dos seus problemas, e

roga também para que obriguem a mulher deixar a casa dele. Eu enxergo sua angústia, “seu problema”, pois o homem está totalmente consumido pelas drogas, sugado, doente. A mulher dele tem um ar arrogante e parece não se importar com a situação, ela sabe que nesse espaço vão estar do lado dela e não dele, já que é uma *Delegacia para mulheres* e não uma casa de recuperação para viciados em drogas. O que fazer para não ter que chegar à punição? O que é punido neste caso? Fico pensando no ciclo repetitivo da sociabilidade de alguns homens, a maioria deles pobres: trabalhar, beber, jogar sinuca, bater, acordar para trabalhar, beber, jogar sinuca e bater de novo. E as mulheres, claro, acompanhando esse ciclo.

Lucélia Braghini, em *Cenas Repetitivas de Violência Doméstica: Um impasse entre Eros e Tanatos* (2000), pergunta-se por que as mulheres que sofrem violência na relação de casal continuam neste relacionamento reproduzindo estruturas e queixas e chegando, às vezes, a limites lamentáveis. Vários autores fazem esta reflexão. Neste caso, a autora considera, dentre outros fatores, que isso obedece a que um *ciclo de violência* perpetuado em que homens e mulheres ficam presos, como se não conseguissem (ou não quisessem) sair deste ciclo. A autora descreve esse ciclo da seguinte forma:

“Contudo, antes que ocorra o crime, é possível identificar no cotidiano do casal o chamado ciclo da violência, que se repete sucessivamente. O nível da tensão na relação vai aumentando gradativamente, até que fica insuportável, e então, por um motivo aparentemente banal, o homem explode agredindo violentamente a companheira. Esta, como forma de retaliação, freqüentemente sai de casa, mas acaba sempre voltando em função dos insistentes rogos do marido, que, arrependido, promete-lhe que nunca mais acontecerá de novo. Por um certo tempo, movido pela culpa e pelo medo de perdê-la, ele “veste pele de cordeiro”, e consegue fazer o papel do bom marido. Mas, à medida que a tensão começa a se acumular novamente, fica muito difícil desempenhar este papel, até que há outra explosão e o ciclo se repete” (Braghini, 2000: 19).

A autora acrescenta que para as mulheres agredidas é difícil sair desse ciclo, pelo “*peso insuportável provocado pelas culpas por terem que arcar sozinha com a opção pela separação*” (*Ibid.*: 239). Ela considera que ainda hoje, algumas mulheres, especialmente aquelas agredidas, se assustam ao ter que assumir a responsabilidade de sua vida sexual e afetiva, precisando de um homem para legitimar sua relação com o mundo exterior, situações que pude observar recorrentemente nesta delegacia.

Também fiquei pensando no assunto da fiança. As penas menores de dois anos, que são a maioria, são pagáveis. Há algo paradoxal nesse sistema: as fianças vão de 1 a 10 salários mínimos, dinheiro que vai para o Estado e traz prejuízo na renda familiar. Em outras palavras, se uma mulher presta queixa do marido, ele paga uma fiança e isso afeta o orçamento familiar. Afinal, não é ela mesma que sai prejudicada? Muitas mulheres não querem denunciar por conta disso. Quando o homem não tem condições de pagar a fiança, ele vai para cadeia. Assim, que tipo de homem vai realmente para a cadeia? Afinal, para quem é a cadeia? Afinal para quem a lei é realmente punitiva? Normalmente as famílias do acusado coletam o dinheiro para ajudá-lo e pagar a fiança, então para quem é a punição? Este tipo de questão me leva pensar no recorte de classe social no caso da lei que pune a violência contra as mulheres. São os homens negros, pobres, incultos, marginais que vão para a cadeia. Questões que já têm sido discutidas e questionadas por varias pesquisadoras advertindo as dificuldades da lei e das Delegacias das Mulheres (Debert, 2002; Gregori, 2005; Bandeira, 2009).

No Brasil, após a Lei Maria da Penha, a cesta básica foi trocada pela fiança. E quais são as perdas e quais os ganhos dessa mudança? Pelo menos a cesta básica ia para a mulher e os filhos - como muitas mulheres disseram na delegacia- agora a fiança é coletada pelo Estado - como outras reclamaram-. Então, quem ganha? Claro, a lei é uma '*conquista do feminismo*', tal como tem sido amplamente divulgado, e serve para muitos casos, especialmente para os casos extremos, mas o que fazer com os outros que constituem claramente a maioria? Será que fiança é um conceito "*politicamente mais correto*" e "*cesta básica*" reproduz a iniquidade de gênero? Já que a cesta estaria reforçando o fato de que uma forma de reparar o dano nas mulheres é através das coisas de casa e não a través de uma multa como com qualquer outro crime? Estes são questionamentos permanentemente ouvidos na Delegacia da Mulher e amplamente discutidos por advogados conhecedores da lei, pelo movimento feminista e também por pesquisadoras (Bandeira, 2009).

Presenciei a denúncia do caso de uma mulher agredida brutalmente pelo seu marido policial, cujo caso foi matéria do jornal da região. Ele marcou o rosto dela com a sola do seu sapato. Quando bêbado e drogado, ele queria obrigá-la a fazer sexo e ela recusou, caso que se poderia qualificar de "extremo". Nesse caso, a fiança foi de R\$600, quantia que o homem simplesmente pagou e continuou solto, sendo uma ameaça para a mulher. Vale dizer que o terror estava desenhado no rosto da mulher que fez a denúncia, levada pela irmã e pela mãe, porque presa ao pânico ela não conseguia denunciar.

Por outro lado, diferentes situações que se apresentaram servem para pensar que a Delegacia é quase um substituto da *autoridade masculina* ausente no

lar. As mulheres querem que alguém repreenda os maridos *sem-vergonha*, desobedientes, maus maridos e que pelo menos eles “levem um susto”. A delegacia é o lugar aonde vão muitas mulheres quando não podem resolver os seus problemas em casa. Muitas das pequenas brigas que se buscava solução na delegacia eram como *birra de adolescentes* e eu achava aquilo bem peculiar; dois adultos fazendo-se careta, gritando-se insultos na frente dos outros, mergulhados no seu pequeno mundo; é como se não tivessem mais nada a fazer senão brigar na delegacia. Ficava imaginando: Como será o cotidiano desse lar? Como será a educação dos filhos? Como esses dois querem chamar à atenção!

Ao terminar minha observação na delegacia vou embora com várias sensações. A primeira é que este não é o espaço para falar à vontade com os homens autores de violência de gênero. Nunca consegui, obviamente, aprofundar outras questões que eu considerava importantes. Eles estão aí para resolver uma situação pontual, urgente, e eu só ficava *atrapalhando*. Por outro lado, foram bastante incômodas algumas atitudes dos funcionários públicos, como tentar *obrigar* alguém a falar comigo, acrescentando-se a isso que o ambiente é pesado, abafado, desconfortável, não tem privacidade, nem condições para fazer uma entrevista. Porém, justamente foram essas sensações que se impuseram para que eu continuasse procurando aquilo que me permitisse mergulhar e caracterizar melhor os contornos da minha pesquisa e então essa experiência serve como contraponto para aprofundar o tema que nos ocupa.

3. Narrativas de Histórias Masculinas: Escutando os homens

“Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parecem-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem, até onde somos capazes de suportar a palavra nativa [...]”
(Goldman, 2006: 167).

Depois desta etnografia, decidi registrar as narrativas com homens autores de violência na Colômbia e em espanhol. Não porque eu tenha pouca tolerância com a *palavra nativa*, muito pelo contrário, sou ciente das minhas próprias limitações, aspecto central na pesquisa etnográfica e descobri que neste caso

os nativos teriam de ser homens que quisessem falar e que tivessem um espaço para isso. Desta forma, tive como primeiro critério que os homens aceitassem falar comigo e não que se sentissem obrigados a falar ou estivessem mediados por uma instituição tal como aconteceria se o fizesse em Recife.

As narrativas são janelas através das quais olhamos e compreendemos uma realidade social. O narrar deve ser um ato prazeroso (embora seja no meio de prantos!) e não uma imposição. Foi assim que abordei os homens que devia entrevistar, partilhando com eles a importância do narrar, de dar sentido a uma vivência e (re) elaborar eventos traumáticos de forma que esse transbordamento de sentido que é o trauma se integre à identidade deles. Instiguei-os a narrar as suas “estórias” para que fizessem parte de uma “história”. Convidei-os a narrar seus traumas, seus afetos, suas vidas (Benjamin, 1985 [1933]).

Ao registrar as narrativas dos homens levei em consideração a discussão antropológica sobre as diferentes abordagens das narrativas de vida. Tal discussão nos propõe que ao narrar, a ênfase pode estar na vida mesma; ou seja, na sucessão de fatos que são narrados e entrelaçados de forma que descrevam a vida propriamente dita do sujeito; mas também na “história”: na forma narrativa com a qual se fazem escolhas de alguns acontecimentos da vida e se deixam outros; ou, no “processo narrativo”: no procedimento ou método para narrar, que pode ter diversas características literárias. Estas três ênfases podem-se apresentar por separado e também pode se apresentar uma justaposição delas (Peacock & Holland, 1993). Na minha pesquisa tentei destacar a justaposição das três ênfases, mas finalmente optei por uma ênfase na *história*, já que estamos referindo-nos a fatos pontuais na vida dos homens, tendo os fatos violentos como pretexto para iniciar a fala, mas que se integram à história da sua masculinidade como contexto; lembrando que não estávamos nos referindo a uma vida em extenso, mas a fatos que consideramos marcantes dessa existência.

Não se ignora aqui, a diferença entre “estória” e “história” (diferença que não existe no castelhano) abordada por Kofes no artigo: “Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites” (1994). No artigo citado a autora diferencia entre “estórias de vida” e “histórias de vida” e entre “biografia” e “autobiografia”, considerando que uma história de vida pode ter muitas estórias. Levando em conta essa diferença e seguindo essa linha de interpretação, podemos dizer que a narrativa seria a matéria prima das nossas interpretações que vão se guiando através de perguntas na entrevista que servem para delimitar o relato (Kofes, 1994: 94). Melhor dizer, podemos ter muitas “estórias”, mas nem sempre temos “histórias”, da

mesma forma que podemos ter muitas “vivências”, mas nem sempre elas tornam-se *experiências*, como sugere Walter Benjamin (1985 [1933]).

Também levamos em consideração *os tempos das narrativas* como foi colocado por Ricoeur (1994), pois os sujeitos da pesquisa vão narrando acontecimentos que já se passaram e a narrativa em si mesma é uma interpretação de eventos passados, e neste processo há um vaivém permanente entre recordação e esquecimento, os acontecimentos vão e voltam na memória, e às vezes, alguma pergunta ou alguma resposta durante o registro da experiência narrada faz como que o entrevistado ou a entrevistadora lembre ou esqueça-se de algum detalhe. Segundo Ricoeur:

“[...] existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras, que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (Ricoeur, 1994: 85).⁴

Desta forma, registrei as narrativas de seis homens que, em primeiro lugar, aceitaram falar comigo, questão, embora simples, fundamental para a construção da confiança, já que falaríamos de temas íntimos que poderiam gerar julgamentos. Cabe assinalar também que eles foram co-participes da pesquisa e não só objeto dela; os momentos das entrevistas foram também momentos de reflexão e não só um espaço para extrair informação.

Nas narrativas desses homens, fomos identificando alguns *fios invisíveis*; aspectos e características das situações violentas que não se reconhecem no ato mesmo, mas ao longo da história. No caso da violência de gênero, compreendemos esses “fios invisíveis” como as circunstâncias que fazem possível que a violência se perpetue porque aparecem como naturais ou lógicas ou esperadas. Por exemplo, dentro do casal pode-se considerar como *não-violento* dar uma tapa no rosto do parceiro e assim parar uma conversa, porque esse tipo de prática pode fazer parte das relações de casal, segundo uma cultura que promove a hierarquia de poder entre os gêneros. Certo tipo de comentários discriminatórios, insultos, gritos, humilhações, provocações, que fazem parte do cotidiano do casal, mas que ao ser parte do cotidiano não aparece como violento.

Os *fios invisíveis* seriam o não explicitado, o não dito, o silêncio frente a situações que só se manifestam quando chegam a um limite insuportável.

⁴ Tradução livre do original em inglês.

Esses *fiões* contribuem a tecer o cotidiano do relacionamento de forma que ao aparecer a violência, ela parece ter surgido do nada, porém latentes. Uma sequência de eventos que tornaram a violência possível e esses fios não são identificados pelo casal. Os fios invisíveis estão na base da constituição dos *vínculos* como se tratará de argumentar nos capítulos seguintes.

Aproximamo-nos dos antecedentes que tornaram violentos esses relacionamentos, identificamos alguns fios invisíveis como os jogos de sedução e poder, a manipulação psíquica, moral e emocional, entre outros aspectos. No entanto, sempre levamos em consideração que nem todos os homens reagem agressivamente contras as mulheres e nem todas as relações de casais heterossexuais tornam-se violentas e que, inclusive, no caso dos homens entrevistados, eles não se comportam agressivamente sempre, nem com todas as mulheres que se relacionam. As agressões cometidas estão ligadas a situações particulares, a contextos particulares e a mulheres particulares. *Vínculos* específicos: são eles que nos interessam.

Depois destas primeiras observações etnográficas, faltava ainda registrar narrativas de homens que houvessem passado por situações de violência de gênero para entender seu processo de se fazer-homens, sobre a sua masculinidade e, talvez, tentar enxergar, nesses processos, o que vamos considerar como *crise da masculinidade*; mudanças, rupturas, fissuras, transformações, surpresas, espantos nesse ‘ser homem’, segundo as diversas situações afetivas e conflitivas nas quais eles se envolveram.

Desta forma, eu precisava de conversas muito mais profundas, e senti que teria mais sucesso se pudesse falar na minha língua: o espanhol. Na *Delegacia da Mulher de Santo Amaro*, senti falta de riqueza na língua portuguesa para conversar de outros assuntos com os entrevistados, ou perguntar a mesma coisa de outra forma. A linguagem acadêmica que nós, estudantes estrangeiros, praticamos, era uma péssima ponte para me aproximar desse mundo dos entrevistados, mas eu não tinha outra linguagem, mal conhecia as gírias brasileiras, muito menos as nordestinas!⁵

A questão da língua, mas também a necessidade que eu tinha de aprofundar na compreensão da violência de gênero no contexto sociocultural mais próximo para mim, foram as principais razões que me levaram de volta para Colômbia. Fiz então uma segunda parte da pesquisa de campo na Colômbia.

⁵ “Assim entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio. De tanto falarmos de diversas maneiras, igualmente banais, igualmente aproximativas, não falamos mais. Um cientista de renome internacional ironizava sobre o seu famoso poliglottismo, dizendo que falava russo em quinze línguas. No entanto, eu tinha a sensação de que ele era mudo e que esse silêncio estagnado, às vezes, o impelia à longa monotonia dos entoadores de salmos para finalmente dizer alguma coisa” (“O silêncio dos políglotas”, Em Kristeva, 1994: 23).

Comecei procurando os entrevistados através de redes de amigos, familiares, antigos colegas de trabalho, pessoas de ONG, assistentes sociais, terapeutas, psicólogos e através de instituições de saúde e educação que de alguma forma trabalham o tema, ora violência contra mulher, ora violência de gênero ou com homens e masculinidades.

Os critérios para encontrar os entrevistados foram: 1) Que tivessem sua situação econômica resolvida em termos gerais; isto porque queria evitar que as razões da agressão se justificassem na precária situação econômica. 2) Que houvessem atuado violentamente contra mulheres. 3) Que houvessem refletido sobre seus atos violentos. 4) E, finalmente, que aceitassem falar comigo e contribuir com a pesquisa.

Foi bastante difícil encontrar homens que cumprissem com todos os requisitos, não porque não existissem, muito pelo contrário. Através da ativação de minha rede de contatos profissionais e de amigos/as cheguei a muitos homens que tinham o perfil, mas eles não queriam falar sobre isso. Eram homens de classe-média, arquitetos, advogados, comerciantes, empregados públicos, homens de diversas profissões, enfim, *homens comuns*; colegas, vizinhos, familiares, amigos de amigos, porém, alguns não tinham refletido a respeito da violência e outros simplesmente não aceitavam falar comigo.

Foi muito interessante a surpresa das pessoas que me ajudaram nessa busca ao encontrar tantos homens agressores, pois sempre se pensa que o assunto acontece lá, nas margens, entre os *pobres*, entre os *ignorantes*, entre os *drogados* ou os *bêbados*, ou então, entre os *anormais*, mas não entre os meus amigos e os meus familiares. Contudo, eles não aceitaram falar comigo, talvez pela familiaridade, talvez por vergonha, desconfiança, medo ou indiferença. Desta forma, tive que ir eliminando alguns de meus critérios e finalmente o principal deles era que fossem agressores, e, especialmente, que aceitassem falar comigo e não tanto que houvessem refletido a respeito. Abri mão também do pertencimento à classe-média.

O trabalho prévio a minha viagem, feito pelos meus amigos da rede de apoio que ativei na Colômbia, foi muito importante. Foram eles que convenceram os homens a falar; dando-lhes informações bastante pontuais sobre a pesquisa: o que era exatamente violência de gênero e o que seria feito com os depoimentos. As dúvidas eventuais foram elucidadas junto aos entrevistados antes das entrevistas pela rede de apoio. Isto fez com que no momento da entrevista todos os homens estivessem muito mais abertos e dispostos a falar e então as entrevistas foram muito fluidas. Vou descrever brevemente quem são eles.

3.1. Breve Perfil dos homens entrevistados

Eu tinha muita expectativa de entrevistar, finalmente, os homens-agressores, de ouvir suas histórias, de tentar com eles uma reflexão sobre os eventos violentos, mas, sobretudo, de saber quem eles são. Acho que a palavra “violência” contribui para desenhar na mente um estereótipo de homem violento; isto faz com que, talvez, imaginemos um homem rude, grande, forte, musculoso, de rosto fechado, amargo, bravo, em fim, um “homem violento” e não um “homem comum”, tal como foram os homens que entrevistei. Eles eram homens com os quais eu partilhava alguns imaginários culturais, os temas de conversação que contornaram os episódios violentos em si mesmos, eram comuns a nós, ou pelo menos podíamos reconhecer como familiares. Fisicamente, eles não eram o que se diz um “homem violento”, pois são baixinhos, magros ou então com um ar calmo que dificilmente insinua seus desabafos violentos. Claro, eu os entrevistei em um contexto de “diálogo” e não depois dos fatos violentos. Porém, a primeira imagem que tive ao conhecê-los e conversar com eles foi mais uma contribuição na desconstrução da violência de gênero que pretendo fazer ao longo desta tese.

1. Fabián. 41 anos, mora na cidade de Armênia, na região cafeeira da Colômbia. Ele chegou ao nosso encontro muito bem arrumado e cheiroso - como costuma se arrumar-; apresentação que corresponde com sua atividade principal, pois ele é dono de um bar de música salsa; o mundo da noite, da balada, da festa, requer de arrumação pessoal, pois esse mundo é também o cenário de encontros afetivos, de sensualidade, de conquista; é um espaço para olhar e ser olhado. Homens e mulheres se arrumam muito bem para ir dançar salsa uma sexta-feira à noite em um bar como o de Fernando. Ele foi indicado para participar desta pesquisa por um amigo que nós temos em comum e que frequenta o lugar. Fabián aceitou falar pela primeira vez sobre sua vida privada, justamente por “ter com quem falar daquilo”. Nosso encontro foi inicialmente no bar; ele queria que eu conhecesse seu espaço de trabalho e todos os enfeites que o adornam, pois cada um deles tem sido ou feito ou arranjado por ele mesmo. Nesse bar transcorre boa parte de sua vida. Lá, ele protagonizou várias cenas de amor, de encontros, de amizades, e também de brigas conjugais.

Nesta entrevista Fabián descreve três relacionamentos que ele considera os mais significativos da sua vida afetiva e, junto com eles, diversas situações de violência nas quais esteve envolvido. São estes três relacionamentos que ele considera os mais importantes, embora sempre esteja envolvido, seja namorando ou ficando, com muitas outras mulheres. O primeiro relacionamento é com sua ex-esposa, com quem teve dois filhos, hoje uma

menina de 17 anos e um menino de 11 anos. Com ela conviveu por 17 anos em um relacionamento que ele qualifica de “tormentoso”, no qual houve violência física mútua, segundo ele. Embora o nosso amigo em comum me diga que no círculo de amigos acredita-se que era ele quem apanhava da mulher, pois várias vezes ela chegou ao bar e, ao encontrar Fernando em uma situação que ela julgou de infidelidade, não hesitou em jogar os copos de cerveja no chão, chutar nas mesas, gritar e reclamar e, enfim, armar tremendo escândalo. Depois que ele se separou de sua primeira mulher, ele namorou outra moça por quatro anos, com quem teve um relacionamento tranquilo e não houve violência, segundo ele. No entanto, nosso amigo disse que ela apanhava sim, do Fabián. No momento da entrevista estava num relacionamento com outra moça, e agora é ele quem apanha direto dela, segundo ele; neste caso os amigos concordam acrescentando que aquela mulher é “maluca” e crêem que Fernando precisa mesmo de relacionamentos conflitivos.

2. Federico. 52 anos, Licenciado em Ciências Sociais e possui um mestrado em Filosofia. A entrevista com Federico foi realizada num centro de recuperação para adição de drogas, numa pequena cidade perto da região cafeeira da Colômbia. Interessei-me em conversar com ele, sendo o tema do álcool tão recorrente nos depoimentos de homens agressores, quis saber mais de sua história. Federico é um intelectual reconhecido da região.

Federico não tem experiências de agressão física contra mulheres, mas no seu depoimento expressa outras manifestações de machismo e desprezo pelas mulheres, especialmente no campo intelectual. Ele disse que as mulheres não estão à altura da sua capacidade discursiva e que não são interlocutoras, só nos resta o papel de amantes, acompanhantes, mas sem “encher o saco”, aí, *quietinhas, caladinhas*, prontas para satisfazer os seus desejos. Ele também reconhece que, de alguma maneira, sua adição às drogas e ao álcool foi uma forma de agredir a sua mulher e os seus filhos; já que perdeu o interesse por tudo, incluindo a família. E a vida da boemia, era de certa forma, um desrespeito com a sua mulher.

3. Durán. 39 anos. Esta entrevista foi possível graças a um amigo psicólogo e professor na Universidade Del Valle. Durán gosta de música ‘metal’ e partilha com meu amigo da turma dos chamados “metálicos”. Em alguma ocasião, meu amigo soube que Durán tinha agredido sua parceira sentimental. Quando cheguei a Cali, entrei em contato com meu amigo e falei sobre minha pesquisa, pedindo que me indicasse alguém que cumprisse com os critérios já expostos. Eles falaram sobre a minha pesquisa e tiveram uma primeira sensibilização sobre o tema e posteriormente Durán - que gosta de ser chamado assim, pelo sobrenome- aceitou falar comigo. Combinamos pelo

telefone um encontro no seu Bar de *Rock*, (meu segundo informante também é dono de um bar) uma segunda-feira de janeiro de 2009, à noite. O ambiente do bar serviu para que Durán recriasse umas das típicas cenas violentas que se apresentam neste bar, como parte, segundo ele, da *sociabilidade masculina*. Durán teve dois casamentos. Ele agrediu sua primeira mulher brutalmente, até quebrar um dente dela, e hoje ele, separado e cheio da culpa, paga para ela um tratamento odontológico. No seu segundo casamento não houve violência, porque *sua mulher sabe lidar com ele*.

4. Sánchez. 60 anos, cinco filhos. É sapateiro, pedreiro e encanador, mora num setor de baixa renda em Cali com uma das filhas. Foi indicado para a entrevista pela mãe de um amigo meu. A senhora participa de uma Igreja Cristã onde Sánchez também vai. A entrevista se fez na sala da casa da senhora que nos apresentou, em um bairro popular de Cali. Sánchez é alto, moreno, forte, rude; ele tem no seu rosto as marcas de uma vida batalhadora; cada ruga parece testemunha de uma história. Ele não somente narra uma situação de violência com sua ex-mulher, mas a contextualiza na história da conformação de bairros populares de Cali, na qual houve participação política com grupos de esquerda na década dos anos 70. Fernando era um homem engajado na luta por melhores condições de vida para os moradores do seu bairro, por moradia, etc. Ele fez uma travessia: de homem de esquerda, daqueles que participavam nas “bases” do processo comunitário, a homem cristão, que procura em Deus a paz que sua alma necessita. Ele bateu na sua mulher quando saiu da cadeia e ficou sabendo que ela o traiu com um companheiro político.

5. Néstor. 32 anos. Ele disse que tem “transtorno afetivo bipolar”. Mora num bairro popular, mas não favelado, com a sua mãe. Atualmente se medica. Ele foi indicado por uma amiga minha que o conheceu em uma ONG na qual ela trabalhava e naquela época soube que ele agrediu a sua namorada. Eu e Néstor tivemos um primeiro contato pelo telefone e como sinal para nos reconhecer pessoalmente ele me disse: “Eu sou negro”. Depois marcamos um encontro numa padaria do bairro *San Antonio*, no centro histórico da cidade. Caminhamos um pouco pelas ruas do bairro e fomos estabelecendo confiança; falamos da sua vida e de minha pesquisa. Depois entramos num café e começamos nossa entrevista. Ele bateu fortemente na namorada por ciúmes e ao terminar este namoro nunca mais namorou menina alguma. Os anos se passam e ele continua procurando o perdão dessa namorada que agrediu. Néstor, igual os outros homens que entrevistei, ao final agradecem esse espaço de fala que tivemos e que era o primeiro depois dos fatos violentos que protagonizou. Em alguns momentos da entrevista ele se mostrou tímido o envergonhado, baixava o olhar e falava baixo. Ficava olhando pela janela

do café com um jeito pensativo, introspectivo. Em outros momentos da entrevista eu sentia falta de coerência na exposição dos fatos e duvidava se aquilo era produto da sua imaginação, como consequência do transtorno que ele indicou desde o começo da entrevista ou se realmente fazia parte dos fatos de violência narrados, mesmo assim, deixei que a narrativa fosse fluído.

6. Antonio. 41 anos. Professor de artes plásticas da Universidade Del Cauca; ele mora em Popayán, uma pequena cidade ao sudeste do país, de estilo colonial, com, aproximadamente trezentos mil habitantes, que na época da Colônia foi centro de referência político-administrativa, sem ser a capital do país, e que ainda hoje conserva um estilo de pequena vila colonial. Ela é reconhecida por ser uma cidade tradicional, pacata, conservadora. Seu centro histórico, ainda conservado, é todo pintado de branco. Caminhar pelas ruas realmente evoca a época colonial. Popayán é também centro de conflitos políticos no país, por conta da proximidade da guerrilha das FARC e do movimento indígena que lá é bastante importante. Antonio odeia Popayán. Não agüenta o lento caminhar das suas pessoas. Sai da calçada e prefere a rua porque não quer esperar que as pessoas abram passo. Foi indicado por minha prima que estuda antropologia nessa cidade e levei um choque ao saber, na entrevista, não antes, que ela foi uma das parceiras sentimentais que apanhou dele.

Para as entrevistas usei um roteiro semi-aberto, sob os seguintes temas de conversa: características pessoais, constituição familiar, relação com o pai, com a mãe, com os irmãos, anedotas de infância, de adolescência, dos primeiros namoros, dos relacionamentos sérios, as mulheres, as situações de violência, os outros homens, os amigos, os espaços de encontro dos homens, a amizade e ao final a conversa se dirigia para uma reflexão sobre as masculinidades: o que os entrevistados pensavam sobre o que esta acontecendo com alguns homens heterossexuais contemporâneos, sobre seu lugar nos relacionamentos de casal, nos lares, e no geral com seu *ser homens*. Estas entrevistas foram traduzidas ao português por mim com ajuda de amigos brasileiros, tentando manter gírias e usos populares.

Às vezes, as narrativas escorregavam para temas bastante pessoais que eu deixava fluir ao mesmo tempo em que tentava acolher. Eu demonstrei interesse durante as entrevistas para que os entrevistados se sentissem à vontade. Às vezes eles queriam falar demais. Como lidei com isso? Deixando fluir, ao final éramos dois adultos discutindo de questões que previamente tínhamos combinado. E eles eram cientes que estavam contribuindo com uma pesquisa, como cientes também de que pretendíamos olhar além das situações pontuais de violência de gênero que eles protagonizaram, tentando

encaixar essas situações na vida deles e não as considerando como um fato alheio. Eu sempre estive atenta de não deixar-me provocar ou persuadir, ao final, *nem anjos, nem demônios. Homens comuns.*

4. Reconhecendo minha própria experiência: O método autobiográfico

O método autobiográfico contribui nos debates das ciências sociais discorrendo sobre o lugar da subjetividade nas pesquisas científicas (Maroni, 2008). Se couber o termo, eu fiz uma *etnografia de minha memória* e rastreei na minha própria narrativa os motivos que me levaram a pesquisar *violência de gênero*, inicialmente, e *masculinidades, poder e violência*, posteriormente, como ponte para chegar aos estudos sobre *crise das masculinidades*. E, parafraseando Goldman, “*passsei por uma experiência que gostaria de narrar brevemente*” (2006: 164).

Ao longo do doutorado a coragem para falar foi me habitando. Ela apareceu no meio de um permanente devaneio entre um silêncio envergonhado e uma vontade de encarar o ridículo. Sempre a dúvida. Até onde eu devo aparecer? Até onde trazer a experiência pessoal? Precisava mesmo? Precisava! Não porque minha experiência fosse mais ou menos violenta que das outras mulheres. Mas porque minha experiência me permitiu, ou melhor, obrigou-me a refletir. A busca de sentido foi cada vez mais imperiosa. Descobri, então, o que significa *fazer uma experiência*. E assim foi se desvendando uma grande necessidade de falar. E esta tese não é alheia a isso.

“Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer.

E me arriscar a enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso! Mas é preciso também não ter medo do ridículo, eu sempre preferi o menos ao mais por medo também do ridículo: é que há também o dilaceramento do pudor. Adio a hora de me falar. Por medo?

E porque não tenho uma palavra a dizer.

Não tenho uma palavra a dizer. Por que não me calo então? Mas se eu não forçar a palavra a mudez me engolfará para sempre em ondas. A palavra e a forma serão a tábua onde boiarei sobre vagalhões de mudez” (Lispector, 1964: 23).

Em junho do ano de 2000 protagonizei uma cena de violência que só agora reconheço como minha. Aquilo aconteceu em um vilarejo do Litoral Pacífico colombiano quando trabalhava em um projeto ambiental para recuperação da floresta tropical. O projeto estava localizado em uma região de população predominante negra e eu cheguei lá pelo romantismo com essas comunidades; talvez tentando encontrar nelas algum vínculo com as minhas próprias raízes negras. Comecei a trabalhar lá em fevereiro do ano 2000 e assim que ingressei no projeto também comecei a namorar com meu chefe. Trabalhei nesse projeto entre fevereiro e agosto do ano 2000. Minha função era promover a organização social dos camponeses; especialmente à participação das mulheres negras. Morávamos em uma cabana grande, à beira do Rio Sanquianga, aproximadamente quarenta pessoas, trinta e cinco homens e cinco mulheres, entre os quais havia técnicos agrícolas e florestais, assistentes sociais e o pessoal administrativo. Ao ingressar ao projeto, eu e meu chefe, percorremos as aldeias à beira do rio. Aproveitei para conhecer os líderes comunitários, mergulhar culturalmente na área e namorar. Lembro que durante o primeiro dia de reconhecimento da área eu tinha tanta expectativa quanto medo. Comecei sentir uma estranha sensação que me acompanharia depois, como se estivesse presa da floresta. Embora me sentisse maravilhada com ela, não tinha a liberdade de sair daí quando eu queria. Dependia de outros ritmos que não eram os meus. Curtia muito da grandeza da natureza; ela se apresentava impetuosa diante dos meus olhos, mas ao mesmo tempo me sentia longe de tudo; de minha família, dos meus amigos, de minha cidade. Uma chamada telefônica era um luxo que eu tentava ocasionalmente. Tinha sentimentos ambíguos, no entanto gostava de trabalhar lá.

Nos primeiros quinze dias meu chefe ficou comigo na aldeia, depois saiu para a cidade, tal como fez nos meses seguintes. Nesses primeiros dias eu o acompanhei a visitar um bruxo da área. Tratava-se de um homem negro que fazia remédios naturais e curas contra os males da alma. Meu chefe acreditava cegamente nele e tomava os remédios por ele indicados. Naquele dia eu o esperei de fora do local, senti medo e também respeito por esse lugar, não entrei. Entre outras recomendações o bruxo sugeriu que meu chefe (embora eu tivesse um relacionamento afetivo com ele, sempre o considerei, especialmente, o meu chefe, e neste relato refiro-me sempre a ele assim: chefe) não podia ter relações sexuais por cinco dias. Situação que em nossos primeiros encontros gerava mais expectativa. Ele, por ser Coordenador Geral do Projeto, tinha que viajar muito para cidades próximas como Pasto e Tumaco e distantes como Bogotá e Cali. Depois soube que tinha duas mulheres grávidas, uma em Cali e outra em Pasto, e que este era outro dos motivos das suas viagens. Ele dizia que se apaixonou por mim como nunca antes por ninguém na sua vida; eu achava aquela lisonja como uma simples persuasão.

Segundo vários estudos antropológicos sobre as populações negras rurais do Litoral Pacífico colombiano (Mota, 2002), uma das principais características nos relacionamentos afetivos dessa região é que os homens têm muitas mulheres

e vários filhos com cada uma delas, e as mulheres têm, respectivamente, vários filhos de diferentes homens. Sem que isto represente um problema afetivo, emocional ou social para ninguém. Eu reconhecia em *meu chefe* um homem próprio da sua região, embora fosse Engenheiro Florestal formado em universidade. Por esta, e por outras questões, eu me sentia da *cidade* e achava ele do *interior*.

No meio das saídas do meu chefe para as diferentes cidades que ele tinha que frequentar, eu tive outro relacionamento com um engenheiro florestal, homem branco e da capital do país. Meu chefe começou duvidar da minha possível infidelidade e pediu para o seu melhor amigo, que também trabalhava no projeto, me policiar. Eu soube depois que a ordem do meu chefe era armar uma cilada para nos pegar no ato sexual e nos matar. Em uma ocasião eu e o meu chefe fomos para Cali, e voltando para o projeto eu decidi lhe contar que estava tendo outro caso com aquele que ele suspeitava. Não achei que isto gerasse algum tipo de reclamação, já que ele era casado e eu solteira, e, além disso, ele tinha duas mulheres grávidas; eu me sentia no direito de ter outros relacionamentos. O nosso era para mim, um relacionamento aberto.

Quando meu chefe soube do meu outro caso, ficou em fúria. Ficou louco de ciúmes, de raiva, tomado pela vingança. No começo quis terminar o relacionamento comigo e depois eu também quis terminar com ele. Ele já tinha confirmado meu outro caso porque o homem que me vigiava lhe contou antes que eu lhe confirmasse, achando que na nossa situação de amantes-amigos era possível a "honestidade". O meu chefe surtou!

Tivemos uma cena de briga, pedidos de satisfação, explicações e insultos que tenho na memória como a pior briga de casal que eu já vivi. Houve violência psicológica, moral e verbal e um chute na perna; porém não é fácil reconhecê-la quando se está no meio da cena, nem mesmo depois dela. Só muitos anos depois, eu qualifiquei aquilo como violento. Violento contra mim! E, todavia, essa não é a pior situação de violência que gerou em mim um trauma. Meu chefe e seu amigo, ao estar certos do que estava acontecendo, estavam planejando me pegar em flagrante com o outro homem - como eu já disse-, mas, antes do que isso acontecesse, eu - intuitivamente- decidi contar o que estava acontecendo.

Depois da minha confissão, ele pediu para que nos reuníssemos nós três: eu, o engenheiro florestal e meu chefe. Reunião na qual deixaríamos claro que eu e meu chefe tínhamos um relacionamento. Mesmo achando bizarro aquele 'pacto entre dama e cavalheiros', o aceitei para pôr fim àquela situação de briga com 'meu namorado'. Mas na hora do encontro meu chefe surtou de novo; os ciúmes o consumiam - acredito que também o sentimento de humilhação-, e assim que viu entrar no local o outro homem pegou um revólver que tinha dissimulado no seu cinto. Eu quase morro de

medo, na verdade, de terror! O meu chefe estava morrendo de raiva, de ciúmes e de loucura, começou apontar contra o outro homem e ameaçava atirar nele.

Berrava todo tipo de insultos contra ele e contra mim. Insultos de conotação sexual. Reclamava seu direito à exclusividade sexual e sentimental comigo na sua zona –zona de negros!–. Eu rezava, rezava muito, e ele, deduzindo as minhas preces, sempre mentais, me dizia que isso não serviria de nada. Eu tentava acalmar os ânimos, parar a briga, parar a cena, mas tudo em vão. O meu chefe apontava de novo e, entre outras coisas, tentou nos obrigar a ter sexo na sua frente.

Eu tinha uma corrente de ouro com a imagem da Virgem Maria pendurada no meu pescoço que ele me arrancou brutalmente ao tempo que me gritava que parasse de rezar porque não ia me servir de nada. Ele ameaçou me bater, mas se arrependeu justo no momento de ter a mão fechada no ar, simulando um soco. Eu senti pânico de que ele batesse no meu rosto, imaginei como seria um soco dele no meu rosto, em milésimas de segundos eu me senti e vi com o rosto desfigurado e totalmente impotente frente a sua força furiosa. Eu imaginava meu rosto caindo como uma porcelana chinesa estilhaçada em mil pedaços.

Ele berrava de novo, insultava, gritava, ameaçava, apontava. Eu ficava no meio dos dois, ele me sacudia e eu sentia sua força bruta! Olhava de novo no outro cara e o ameaçava de novo. Eu estava aterrorizada, o outro cara também; lembro seu rosto pálido e também meu batimento cardíaco muito acelerado. É uma sensação de impotência, de eternidade, de estar em um beco sem saída, de humilhação, de vulnerabilidade total, de pânico que inclusive ao lembrá-la depois me gerava sentimentos parecidos. Meu batimento cardíaco se acelerava só de lembrar e contar para alguém, de fato contei para pouquíssimas pessoas e nem pensar em fazer uma denúncia. Nem sabia o que denunciar, já que não houve “violência física”; também não queria fazer daquilo um escândalo.

A espantosa cena não teve resultados trágicos graças à intervenção da faxineira do projeto. Os técnicos agrícolas e florestais que também trabalhavam no projeto; homens negros, nativos da região, afastaram-se como se fossem surdos ante as minhas súplicas. Suponho que eles pensavam que se tratava de um problema do casal no qual ninguém deveria intervir. Foi ela, a faxineira, quem corajosamente bateu na porta da sala onde nos estávamos e interveio para finalizar a briga, lembrando para meu chefe que uma das mulheres grávidas que ele tinha era irmã dela e que ele devia pensar no futuro e na saúde de sua mulher. O que? A irmã da faxineira é a mulher dele? Para mim era tudo confusão e espanto! Aproveitei a porta aberta para sair correndo e me encerrar no meu quarto. Pouco me importou a sorte de aqueles dois. Até pensei: Que se matem! De novo em milésimas de segundos pensava na vergonha de estar protagonizando aquela cena. Eu! líder estudantil, promessa política local, defensora

dos direitos humanos, feminista! Quase a morrer no meio de um crime passiona! Que vergonha! E ainda por cima ser atendida pela irmã de uma das mulheres grávidas do meu chefe! Meu chefe procurou depois meu perdão, argumentando que tinha que fazer aquilo para ganhar respeito, que não podia permitir ser tratado de 'palhaço' na sua própria terra, sendo ele um homem negro, chefe de um projeto ambiental muito importante da região. Entre explicações e pedidos de desculpas eu me sentia culpada. Fiquei no meu quarto por uma semana. Morria de vergonha para sair à aldeia, a faxineira me dava os alimentos básicos, embora eu mal conseguisse comer. Eu pedi para meu chefe que me tirasse dali, mas ele não aceitava meu pedido, dizia-me que podia pedir qualquer coisa, menos largá-lo; nem largar ele, nem o projeto.

Eu queria morrer, sumir, desaparecer. Como lidaria com essa situação? Como continuaria trabalhando? Como sairia daquela zona? Como contaria? Contaria? Denunciaria? Não! De jeito nenhum! A vergonha e a culpa não me permitiriam denunciar. Além disso, denunciar o quê? Se não fui ferida, se ninguém foi morto. Essas eram as perguntas me não me deixavam em paz.

Depois da cena acima descrita, nossos superiores nas respectivas instituições ambientais solicitaram uma nova reunião para aclarar o que foi aquela confusão que tínhamos protagonizado. Desta forma se organizou um encontro no qual tivemos que dar depoimentos e nos comprometer a "nos comportar", já que éramos exemplo nessa região. Os dois homens eram respectivamente coordenadores de projetos ambientais e eu era a coordenadora da área social com enfoque de gênero. Foi uma reunião bizarra e humilhante, na qual eu tive que admitir ser a "namorada" do meu chefe e que me "deixei" seduzir por outro homem, mas que estava arrependida e tínhamos decidido continuar nosso relacionamento. Meu "namorado" pediu perdão ao outro engenheiro por tê-lo ameaçado, o outro pediu perdão por ter "paquerado" a sua mulher, mas ninguém me pediu perdão por ter sido objeto de humilhação e agressão, eu era 'a causa' da violência e não 'a vítima'. O "amante" foi desterrado do projeto e eu continuei namorando com meu chefe. Sim! Continuei namorando-o por mais dois meses! E com o revólver por perto. Pois ele sempre guardava a arma embaixo do colchão.

A continuidade do namoro se caracterizou pelos pedidos de perdão e as satisfações que ele me oferecia. Entre outras, ele considerava que foi vítima de uma "bruxaria", tentava me convencer que algum espírito do mal se encostou a ele. Que essa forma de reagir não era própria da sua pessoa, que nunca tinha feito aquilo e que a única razão para seu comportamento era ter sido vítima de feitiçaria. Rogava para que eu acreditasse nele e me pedia para acompanhá-lo de novo ao bruxo que desfaria o mal. Eu tentava ser compreensiva. Não queria bater de frente, continuava o namoro, pensando que só estando em Cali conseguiria me livrar dele. E foi assim, só voltando em Cali que eu consegui terminar aquele namoro.

Essa foi, grosso modo, a situação que vivi e que se relaciona com as minhas buscas atuais. Refletir sobre aquilo se tornou uma preocupação central na minha vida pessoal e acadêmica nos últimos anos. Comecei refletir sobre a vergonha. Sobre a culpa. Sobre por que era tão difícil para mim, reconhecer que eu tive um relacionamento violento. Tive que pensar várias vezes sobre por que “meu chefe” tinha tanto poder sobre mim. E depois de conhecer a literatura sobre “trauma” compreendi que eu mesma me encarreguei de “desmentir” o vivido; como, de fato, acontece com muitas mulheres agredidas, principalmente de classe média. Também era difícil compreender por que depois da cena violenta eu mantive o relacionamento, como se eu tivesse responsabilidade naquela situação e isso me obrigasse a manter o relacionamento. Também me perguntei por que eu não contei para quase ninguém. Só para poucos amigos e jamais para minha família! Foi durante o doutorado que logrei refletir sobre o processo mental, emocional, espiritual e intelectual que me permitiu anos depois pensar e trazer a tona o acontecido no meu Litoral Pacífico colombiano.

Finalmente, agora, ao narrar, consigo integrar o que permanecera *cindido* e então transformar uma *vivência* em *experiência*. Compreendi que ao integrar o *trauma* poderia fazer isso: transformar a vivência em experiência. A minha narrativa ganhou outro sentido, aliás, ganhou um sentido. Nas palavras de Benjamin, compreendi que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1985: 201). Também comecei lembrar novos detalhes. E quando fiz as entrevistas com os homens agressores da minha pesquisa eu tinha a capacidade de, realmente, escutar e acreditar nos seus depoimentos. Eles perceberam alguma coisa especial na minha escuta, pois ficaram à vontade para falar.

Voltei para Cali em agosto do ano 2000, dois meses depois do evento traumático, quando toda a equipe tirou férias. Até minha saída da área eu continuei namorando meu chefe como já disse. Depois da cena violenta vieram os perdões, as promessas e a reconciliação. Só quanto estive de novo na minha cidade tive coragem para deixar o relacionamento. Em Cali ele continuava procurando-me, enviando vasos de flores para minha casa, fazendo amizade com meus amigos e procurando-me na universidade; – eu tinha iniciado o mestrado em sociologia–. Ele me dizia que não suportava a idéia de que eu ficasse com uma imagem dele como um homem violento, selvagem, bruto.

Sua procura terminou quando um belo dia uma das suas mulheres telefonou na minha casa para me fazer uma reclamação e, a conversa terminou quando fui eu quem reclamou que seu marido não me deixava em paz! Pedi para essa senhora que falasse com seu marido e que os dois me deixassem em paz. Ela sentiu vergonha.

Percebi que era uma mulher simples e eu consegui persuadir-lhe com a minha fala. Pensei em denunciar, mas nunca o fiz, porque não tive coragem e porque não sabia o que denunciar. A partir disso, ele não apareceu mais.

Pensar nos porquês de ter estado em uma situação de violência de gênero, direcionou-me a outros caminhos na pesquisa proposta. Quando eu tive consciência disso um novo caminho de elaboração foi possível. Fazendo minhas as palavras de Maroni:

“[...] um novo mundo se desvendou para mim. O mundo da neutralidade científica, da separação entre sujeito e objeto na pesquisa científica, do chamado rigor metodológico, caiu por terra. Compreendi, então, que não fazemos senão narrar nossos afetos, nossos traumas, nossos vínculos primários –muito embora não estejamos conscientes disso–. A objetividade possível de ser conquistada –e ela deve ser conquistada– é aquela que reconhece a subjetividade como momento primeiro da pesquisa científica” (Maroni, 2008: 36).

O parágrafo citado condensa uma chave valiosa que me serviu para articular minha experiência pessoal, que se pode considerar como uma experiência de pré-campo, com minha tese de doutorado. Os caminhos da subjetividade, se reconhecidos e resgatados do *inconsciente* podem também conduzir à *objetividade científica*, se eles vêm acompanhados de uma reflexão, de uma interpretação; se são acolhidos com a intenção de compreendê-los e não só de julgá-los, ou como diria Boaventura de Sousa Santos (2006): apostar por uma *proximidade crítica*, e não só por uma *distância crítica*. Esse foi o caminho que tentei e que apresento aqui.

4.1. Primeiras interpretações de minha experiência

Depois que sai desse projeto e desse relacionamento voltei para Cali e comecei o mestrado em Sociologia. Dois anos de disciplinas obrigatórias serviram para empalidecer minha vida anterior e, nela, o meu *trauma*. Tanto, que ao chegar o momento de fazer a dissertação apareceu “espontaneamente” o tema da violência contra as mulheres. Uma delas, amiga minha, feminista, formada em Ciências Sociais e de classe média, foi, sem saber, a primeira voz através da qual eu falei de mim, sem saber que falava.

As mulheres da minha pesquisa foram agredidas nas suas famílias e no meio dos seus relacionamentos amorosos. Interpretei quatro histórias de vida de mulheres que apanharam do marido, da mãe e do padrasto. Elas

foram vítimas de distintas formas de violência como a verbal, a simbólica, a sexual e a física; concentrei-me na violência física. A tese central na minha dissertação é que as mulheres tinham mais possibilidades de serem vítimas dessa violência chamada de gênero justamente pelo seu gênero; *ser mulher era um fator de risco para apanhar*. Desta forma, estruturei uma proposta de violência de gênero na qual as mulheres sempre teriam a possibilidade de serem vítimas e os homens sempre seriam potencialmente os agressores.

Nas quatro narrativas interpretadas, as agressões se apresentaram no contexto familiar e nos relacionamentos amorosos das mulheres entrevistadas. Suas histórias de violência estiveram inscritas no seu cotidiano. Os agressores foram pessoas próximas, com os quais elas tinham *vínculos* afetivos. Todas as histórias estavam cobertas por um véu de silêncio. Os fatos violentos tinham-se incorporado na vida rotineira como mais um fato. Silêncio que foi quebrado aos poucos no ato de narrar.

Ao redor dessa reflexão começaram aparecer no mestrado novas perguntas que foram gestando o novo tema de pesquisa para o doutorado: Quais seriam as versões dos homens destes relacionamentos que se tornaram violentos? Isso alteraria os resultados da pesquisa? Por que a maioria das pesquisas de violência contra mulheres, feitas por mulheres, centram-se, especialmente, na mulher-vítima e não nos homens, nem nas relações? Houve algum tipo de agressão contra o homem antes de ele agredir? Como eles enxergam essas agressões? Se sentem culpados, responsáveis, agredidos? E mais importante de todas: Por que eu me interessei pelo tema? O que há nele que me comove? Agarra-me? Ainda não me solta? O que isso tem a ver comigo?

Interpretei as narrativas das outras; sobre minha vivência o silêncio imperava. Silêncio sobre minha história, silêncio sobre minha vivência, silêncio sobre os fatos acontecidos naquele vilarejo do Litoral Pacífico colombiano e, todavia, o Mestrado em torno das mulheres agredidas foi o primeiro movimento de aproximação ao tema das masculinidades. Os homens e a maneira das mulheres se relacionarem com eles, eram o pano de fundo da pesquisa. Minha história e, portanto, meu *trauma*, continuava escondido de mim. Um momento de esquecimento e de desconhecimento, de silêncio e de pequenas perguntas discretas feitas em uma espécie de deserto de sentido.

Será que isso tem alguma coisa a ver comigo? Será que eu pesquiso sobre violência de gênero porque vivenciei uma cena violenta? Na época, estas perguntas eram perguntas mudas que não ganhavam expressão verbal, na época não as escutava; não havia *espaço psíquico* para escuta e, por isso fazia pergunta mudas. E por isso meus eventos traumáticos não faziam ponte

com o meu intelecto, então com a pesquisa. Minha vivência era um fato em segundo plano. E era só isso: uma vivência silenciosa.

Foi no Brasil, longe da minha terra, que consegui reconhecer minha vivência traumática; a lembrança, a memória do vivido se impôs, no começo com muita dor, depois com vontade de partilhá-la. Tinha tido uma vivência que, ate agora, havia se mantido silenciosa; pulsante, indigesta... Exigindo ser pensada. Ela poderia ser mais do que uma vivência? Poderia se integrar à minha formação intelectual? Como se chega a isso? Eis uma tentativa.

4.2. Caracterização do *trauma*

Hoje reconheço que o *encontro com a diferença* (Figueiredo, 2003) diferença radical no vilarejo do Litoral Pacífico colombiano, foi traumático. Reconheço que o trauma não foi gerado somente a partir dos fatos violentos vividos. O *trauma* começou ou se gerou com a ruptura que eu tive dos meus *vínculos*. Tinha medo de ficar longe do familiar e próximo: minha família, os meus amigos, minha cidade. Tinha construído uma poderosa muralha e por isso era difícil reconhecê-la. Ninguém imaginaria em Cali que eu –socióloga, feminista, liberal e independente– sentisse medo no *litoral Pacífico colombiano*, nem que sentisse falta de nada, já que esse tipo de projetos era parte da minha prática profissional; muito menos imaginariam que eu terminasse envolvida em uma cena de violência.

Durante a pesquisa do Mestrado as narrativas de mulheres agredidas foram de “outras - mulheres”, jamais a minha. De certa forma, indiretamente, eu fazia uma narração de minha história sem saber disso! Cindida dos meus afetos e dos meus traumas narrava histórias alheias, traumas alheios, os afetos machucados dos outros e neles ecoavam sem que eu desse conta deles, claramente, minha história, os meus traumas, os meus afetos. É possível afirmar que minha dissertação de mestrado testemunha minha consciência *inconsciente*.

Hoje vejo minha dissertação como um bom exemplo da cisão do intelecto com os afetos. Compreendi também que as narrativas são um excelente instrumento da investigação social quando queremos falar de “indivíduos-em-ruptura”; aqueles indivíduos que, segundo Pollak & Heinich (1986), têm passado por experiências traumáticas, como também dos que estiveram submetidos a processos de aculturação, emigração, fortes mudanças sociais e econômicas, processos violentos de desenraizamento que obrigam aos indivíduos a redefinir suas relações e readaptar sua identidade; tais situações geram neles uma “ruptura” e tais indivíduos estão, portanto, em transição; por isso são “indivíduos-em-ruptura” (Pollak & Heinich, 1986).

Essas experiências traumáticas dividem a vida em um antes, um durante e um depois e redefinem a vida e a identidade; a identidade seria por tanto uma transição. Essas redefinições precisam de uma narrativa de vida (*récits de vie*) que se pode reconstruir a partir da biografia. O *trauma*, desde a perspectiva de Pollak, também faz parte da identidade e ao ser elaborado transforma e/ou enriquece a identidade. O *trauma* seria quase um convidado que se acolhe na memória, e nesse acolhimento passaria a ser um novo habitante. Os testemunhos devem ser considerados como verdadeiros instrumentos de reconstrução e transformação da identidade (Pollak & Heinich, 1986).

Eu comecei a considerar-me com um “indivíduo-em-ruptura” e a partir desse reconhecimento, comecei a reconhecer que tive uma vivência traumática. E também reconheço nos homens entrevistados “indivíduos-em-ruptura” desde outra perspectiva, pois os fatos violentos também geram neles, não traumas, mas inquietações, transformações, perguntas, dúvidas. Dúvidas sobre sua masculinidade.

Hoje me reconheço em um momento de reflexão e abertura para fazer experiência. Descobri a importância de me trazer nesta pesquisa, ao reconhecer que tanto o mestrado em torno das mulheres agredidas quanto meu novo interesse no doutorado em torno das Masculinidades e, particularmente, dos homens em situações de violência de gênero tentam me dizer algo: num primeiro momento inconscientemente e no decorrer da pesquisa e, apenas na escrita, conscientemente. É como se os temas de pesquisa perambulassem - se aproximassem e se afastassem- em torno de um nó afetivo. Refiro-me aqui a vivência no Litoral Pacífico colombiano como traumática desde uma perspectiva psicanalítica.

A noção de trauma de Sandor Ferenczi ajusta-se perfeitamente a condição da mulher agredida e, vem como uma luva no meu caso: o trauma é tido como “desmentido”. Este autor propõe que:

“A comoção psíquica sobrevém sempre sem preparação. Teve que ser precedida pelo sentimento de estar seguro de si, no qual, em consequência dos eventos, a pessoa sentiu-se decepcionada; antes, tinha excesso de confiança em si e no mundo circundante; depois, muito pouca ou nenhuma” (Ferenczi, 2003: 109-110).

Foi isto exatamente o que aconteceu comigo. O excesso de confiança que eu tinha em mim na minha cidade enfraqueceu-se quando tive de enfrentar a ruptura dos vínculos no “Litoral Pacífico colombiano”. O autor considera que a pessoa traumatizada “vive na louca ilusão de que tal coisa não podia acontecer;

‘*não a mim*’” (*Ibid.*: 110). A pessoa traumatizada não consegue acreditar que esse tipo de situações possa acontecer com ela e, então, opta por apagar isso da memória, por desmenti-lo, por ocultá-lo, por negá-lo, por não reconhecê-lo.

Traumático para Ferenczi não se explicita em uma vivência em si, refiro-me à agressão; o que é traumático é o “desmentido” que algo se passou. Eu mesma desmenti o ocorrido no Litoral Pacífico colombiano. Cai num silêncio, numa dor sem nome. Hoje quando finalmente arrisco-me a pensar o “desmentido” me dou conta que o trauma não cessou de tentar dizer-se à minha revelia, levando-me conscientemente a fazer opções de pesquisa que tem tudo a ver com a vivência no Litoral Pacífico. Em um primeiro momento, como propõe Ferenczi se perde o controle da situação.

“A conseqüência imediata de cada traumatismo é a angústia. Esta consiste num sentimento de incapacidade para adaptar-se à situação de desprazer: (1) subtraindo seu Si mesmo à irritação (fuga); (2) eliminando a irritação (aniquilamento de força exterior)” (*Ibid.*: 110).

Optei eu também pela fuga! E o caminho de volta se deu graças às narrativas, pois elas permitem fazer a caminhada, sem a obrigação de chegar à meta; permitem um processo livre de resultados, dão sentido ao vivido; não se trata só de “achar o tesouro”, mas, procurá-lo (Benjamin, 1985 [1933]). Fazer experiência requer um esforço e uma intenção que os tempos modernos parecem negar, como nos propõe Agamben retomando a Benjamin:

“Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez sejam um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo. Benjamin, que já em 1933 havia diagnosticado com precisão esta ‘pobreza de experiência’ da época moderna, indicava suas causas na catástrofe da guerra mundial, de cujos campos de batalha ‘a gente voltava emudecida [...] Não mais rica, porém mais pobre de experiências partilháveis. [...]’” (Agamben, 2005: 21).

O mergulho na minha memória e a narrativa autobiográfica ajudou-me a refletir sobre o assunto da violência de gênero sob uma nova perspectiva. Essa nova perspectiva nasceu com a vivência no Litoral Pacífico colombiano

transformando-se em pergunta, e, então, comecei a fazer experiência. Os porquês se tornaram o motor que impulsiona o meu pensamento atual: pergunto-me como se constroem os vínculos entre o agressor e a agredida e porque do desmentido encarrega-se a própria agredida!

Na leitura que Figueiredo faz do *trauma*, seguindo Ferenczi, o autor vai colocar que além do “desmentido” o trauma se caracteriza pela dimensão social na qual a vítima perde a *capacidade de assimilação e simbolização*, isto em consequência da desautorização do agressor (Figueiredo, 2003). Tal como aconteceu comigo e com meu chefe; ele nunca considerou que me houvesse agredido, pois sua intenção era dar um susto no outro engenheiro e não agredir-me. Na sua perspectiva ele não me agrediu e *desmentia* permanentemente aquilo; como também eu o fiz, ao começo; hoje reconheço também minha *incapacidade para assimilar e simbolizar* aquilo. Eu não tinha elementos psíquicos para nomear a dor, e por isso era uma *dor sem nome*. Depois compreendi que esse tipo de experiência serve para compreender melhor a subjetividade da dor.

4.3. Breve interpretação das interfaces entre gênero, raça, classe, sexualidade, e violência

Um homem negro e de origem humilde do interior que consegue ter um título universitário e coordenar um projeto de envergadura considerável é *desonrado no seu povo* por um homem branco de classe média e da capital. Sua reação correspondeu aos padrões de masculinidade não só aprendidos, mas exigidos aos homens da sua região. Eis a primeira interpretação que me leva à compreensão do comportamento violento do meu chefe.

Por outro lado, vale ressaltar a relação hierárquica de poder que estabelecemos, eu e ele. Por um lado, eu tinha vantagens sobre ele por ser da cidade, profissional, jovem e mulata, considerada *branca* na sua terra; relacionar-se comigo era para ele motivo de orgulho entre seus pares. Para ele era muito importante ser reconhecido naquela região como coordenador de um projeto ambiental na sua própria zona e mostrar para os outros homens negros, que um homem negro pode estudar, ascender socialmente, ser importante, ser engenheiro, mas, mais importante do que isso era namorar uma *mulher de pele mais clara* do que a sua, pois era também demonstrar para outros homens negros que podem namorar mulheres mulatas, brancas, da cidade (Moutinho, 2004).

Moutinho considera na sua pesquisa sobre relacionamentos afetivo-sexuais e inter-raciais que deu origem ao título do seu livro “*Razão, ‘cor’ e desejo*” (2004), que os homens negros se envolvem afetivamente com mulheres brancas ou mestiças, como uma forma de ascensão social, e embora eu não seja uma

mulher branca naquele vilarejo parecia, já que, seguindo esta autora, *as cores de pele mudam segundo contextos sociais* (Moutinho, 2004). Nesta linha de interpretação, eu representava mais do que uma mulher para namorar: era uma mulher de pele mais clara do que a dele, era da cidade e era profissional, quando suas duas mulheres eram do interior; uma delas negra e dona de casa, a outra, embora profissional e branca, era também do interior.

E finalmente eu e ele compartilhávamos o trabalho socioambiental na zona e diferentes pontos de vista sobre o social e o político da região. Em algum momento do nosso breve relacionamento pode-se pensar que partilhávamos um sonho; o sonho de melhorar as condições de vida da população negra. A traição, portanto, não era só íntima e emocional, senão que, em algum sentido, também política e social. Pois para ele eu o traí com um homem branco da capital que não partilhava dos ideais da população negra.

Por outro lado, por ser meu chefe, ele possuía uma clara autoridade sobre mim, tanto que a usou como chantagem emocional no momento em que eu quis sair daquela situação. Incorporei demasiadamente o poder que ele tinha sobre mim; alias sempre o chamei de *chefe*, não de namorado ou amante. A leitura que eu fiz foi de que tinha um caso com um chefe, não com um *homem comum*. Lugar de poder que ele usou quando eu quis sair do vilarejo após os embaraçosos fatos, dizendo-me que se eu fosse embora, seria acusada de me demitir do cargo e isso implicaria penalidades.

O que significou e significa na minha vida afetiva ter-me envolvido com um homem negro do interior do Litoral Pacífico colombiano? O que significou e significa ter-me relacionado com ele do jeito que me relacionei? Devo destacar que, entre outras razões também compartilhamos um *sonho político* de trabalhar com e pelas comunidades negras. E que no curto tempo de relacionamento se construíram entre nós cumplicidades além da vida de casal. Essas questões também alimentam minha pesquisa.

Eu não me culpo de ter sido vítima de violência de gênero e muito menos justifico as ações violentas de um agressor, mas posso compreender que, no meu caso, antes de ser agredida pelo meu chefe, eu o humilhei. *Brinquei com fogo*, como se diz na Colômbia. Não li o contexto social e cultural no qual eu mergulhei. Cabe-me a responsabilidade de ter ignorado esse contexto sendo eu cientista social e trabalhando lá pela equidade de gênero! Mas isso é algo que só se aprende com a experiência, vale dizer, com uma vivência pensada, refletida. Desta forma, eu não me vejo mais como uma vítima, mas como parte de *um jogo de poderes* no qual eu tive participação (Gregori, 2003). Contudo, isto não isenta o meu chefe da sua responsabilidade no ato violento.

5. O Caminho seguido

O reconhecimento desses movimentos internos, do *silêncio* e da vivência tornada em experiência, foi uma chave que abriu a porta para ingressar nos estudos de homens e masculinidades. Quis expandir minha compreensão e não construir paredes de julgamento. Se eu o tivesse denunciado, o assunto ficaria resolvido e pronto, a muralha obstrui o passado e eu continuaria pesquisando violência contra mulheres pelo meu compromisso político. Mas não foi isso o que aconteceu. Uma inquietação não cessava em meu espírito. Foi aí que surgiu o diálogo. Re-construir minha narrativa tem sido uma primeira experiência de diálogo comigo, o primeiro passo.

Ter-me escutado, ter-me aberto para minhas inquietações e perguntas foi o primeiro passo e definitivo passo que me permite, agora, escutar acolhedoramente as narrativas de homens em situações de violência de gênero, um diálogo com o estereótipo de homens machistas e também escutar as narrativas dos homens feministas que descrevem opções para a violência masculina: um passo de esperança além da denúncia, do julgamento e da criminalização.

Foi assim que me aproximei do *método autobiográfico*, como uma possibilidade de falar do *trauma*. Compreendi que diante do fato violento não é suficiente denunciá-lo, mas refletir sobre ele. Percebi que existe um *vínculo* entre essas duas realidades; sujeito e objeto de uma estranha maneira se pertenciam, havia entre eles uma *“morada conjunta”* (Maroni, 2008: 36). As diversas situações de violência de gênero que eu pesquiso e a minha própria experiência por fim se encontraram. Essas são as interfases entre o fazer *etnográfico*, o registro de *narrativas* e o *método autobiográfico* que teci nesta pesquisa para realizar minha tese de doutorado em ciências sociais.

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. (2005). *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- AMUCHÁSTEGUI, Ana & SZASZ, Ivonne. (Coordinadoras). (2007). *Sucede que me canso de ser hombre... Relatos y reflexiones sobre hombres y masculinidades en México*. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Demográficos, Urbanos y Ambientales.
- ARENDDT, Hannah. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.

- BANDEIRA, Lourdes. (2009). "Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminista no Brasil: 1976 a 2006". Em: *Sociedade e Estado*, Vol. 24, No. 2, pp. 401-438, maio/ago. Brasília: Universidade de Brasília.
- BENJAMIN, Walter. (1985 [1933]). *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, Volume 1*, São Paulo: Editora Brasiliense.
- BRAGHINI, Lucélia. (2000). *Cenas Repetitivas de Violência Doméstica: Um impasse entre Eros e Tanatos*. Campinas-SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa oficial. (Coleção Teses).
- DASILVA, Cristina Maria. (2009). *Rastros das socialidades. Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffatto*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. (2006). *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 11ª edição. São Paulo: Cortez Editora.
- DEBERT, Guita. (2002). *Arenas de conflitos éticos nas Delegacias Especiais de Polícia*. Campinas: Documentos IFCH-UNICAMP.
- FERREIRA ALBINO DE OLIVEIRA, Maria Coleta. (Pesquisadora-Coordenadora). (1999). *Os homens, esses desconhecidos... Masculinidade e Reprodução*. Pesquisa do Núcleo de Estudos de População, NEPO, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. (2005 [1990]). "Ser afetado". Tradução de Paula Siqueira. Em: *Cadernos de Campo*, No. 13, pp. 155-162. Universidade de São Paulo.
- FERENCZI, Sandor. (2003). *Obras completas. Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- FIGUEIREDO, Luis Claudio. (2003). *Elementos para a Clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- FOUCAULT, Michael. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1988). *Historia da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (2001 [1975]). *Os anormais*. São Paulo: Martins Fonte.
- GOLDMAN, Marcio. (2006). "Alteridade e Experiência: Antropologia e teoria etnográfica". Em: *Etnografia*, Vol. X (1), pp. 161-173. Universidade de São Paulo.
- GREGORI, Maria Filomena. "Relações de violência e erotismo". Em: *Cadernos Pagú* (20), 2003.
- KOFES, Suely. (1994). "Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites." Em: *Cadernos Pagú*, 3, pp. 117-141, Campinas, Brasil.
- KRISTEVA, Julia. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.
- LISPECTOR, Clarice. (1964). *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- LORENTE-ACOSTA, Miguel. (2001). *Mi Marido me pega lo normal. Agresión a la mujer realidades y mitos*. Barcelona: Editorial Ares y Mares.
- _____. (2008). "El agresor de género: acciones y reacciones del posmachismo": (pp.162-177). *La igualdad no es una utopía. Nuevas Fronteras: Avances y Desafíos*. Madrid: Livro de Trabalhos do Décimo Congresso Internacional Mundos de Mulheres.

- MARONI, Amnéris Ângela. (2008). *E por que não? Tecendo outras possibilidades interpretativas*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- MOUTINHO, Laura. (2004). *Razão, "Cor" e Desejo, uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: UNESP.
- MOTA GONZÁLEZ, Nancy. (2002). *Por el monte y los esteros: Relaciones de género y familia en el territorio afropacífico*. Cali: Editorial Pontificia Universidad Javeriana.
- PEACOCK, James & HOLLAND, Dorothy. (1993). "The narrated self: Life Stories in process". Em: *Ethos*, 21 (4), pp. 367-383. São Paulo.
- POLLAK, Michael & HEINICH, Nathalie. (1986). "Le Témoignage". Em: *Actes de la Recherche*, No. 62/63, Juin, pp. 3-29. Paris.
- RICOEUR, Paul. (1994). *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus.
- SILVA, Maria Cecilia Pereira da. *A Herança psíquica na clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.